ANO 9.º Sexta-feira, 11 de Agosto de 1916 (AVENÇA) NUMERO 434

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

EPISODIOS DA GUERRA

O Blockhaus de Neuve-Chapelle

Ao coronel de infanteria Augusto Cezar de Madureira Beça.

A resistencia dos alemães na frente inglêsa era formidavel e ha tempo já que os soldados de Jorge V não tinham ensejo de se assinalar num brilhante feito de armas.

Sobre a frente francêsa a luta era constante e, passo a passo, em assaltos irresistiveis, em *corps-à-corps* furiosos, em cargas assombrosas de lendaria heroicidade e de épica valentia, os soldados francêses iam pouco a pouco expulsando o inimigo comum do territorio que pisava.

Entre La Bassée e o Lys, os inglêses, auscultando-as insistentemente, na ancia de se baterem tambem, de mostrar que a sua coragem, a sua valentia, o seu patriotismo nada deve aos seus camaradas do continente, encontram finalmente a 12 de março o ponto vulneravel das linhas inimigas e sem hesitação, lançam-se ao assalto numa carga irresistivel a que os alemães teem de ceder impotentes para deter o avanço dos soldados inglêses no seu arranco sobre as suas trincheiras.

A carga é irrisistivel.

Os inglêses avançam continuamente esmagando todas as fôrças que ousam tentar deter-lhes a gloriosa marcha.

Urge preparar á defeza á rectaguarda para deter a onda que ameaça causar nas linhas teutonicas estragos irreparaveis. Dois ou tres kilometros á rectaguarda, a aldeia de Neuve-Chapelle. Fortificam-na os alemães, transformam as casas em pequenos reductos, abrem-lhes seteiras, guarnecem-nas poderosamente e esperam aí a chegada dos seus temiveis adversarios.

Mais á rectaguarda, numa colina em rampa escalvada, um *chalet* acastelado de muros espessos e sólidos, dominando a povoação e toda a região adjacente.

Rapidamente, os alemães abremlhe fóssos largos em torno, protegem-no com grossos muros de sacos de areia, seteiram-no até ao telhado, guarnecendo-o de metralhadoras e de canhões de tiro rapido. O elegante castelo de recreio está em poucas horas transformado numa fortaleza a valer, num *blockhaus* formidavel.

Entretanto os inglêses avançavam sempre.

As defezas de Neuve-Chapelle são atacadas com o mesmo entusiasmo que as trincheiras anteriores; as primeiras casas são abatidas a tiros da sua artilharia ligeira e as outras, assaltadas uma a uma, são sucessivamente tomadas e a aldeia após encarniçado combate fica por fim em poder dos filhos da grande Albion.

Mas estes não param e na sua frente estende-se agora a rampa do castelo e lá no alto, vomitando fogo, o formidavel *blockhaus* em que os alemães o transformaram.

Suspendem os atacantes um momento, surpresos da situação, como para observar a responsabilidade da empresa.

E' ao regimento de Midlessex que incumbe o assalto da temivel posição e sem vacilar, sem hesitar um momento, lança-se ao assalto numa correria doida, as armas em suspensão, as baionetas brilhando sob o sol ardente desse memoravel dia 12 de março de 1915.

Do *blockhaus*, porêm, a metralha varre a encosta por onde sóbem a descoberto os bravos de Midlessex.

A morte ceifa-os ás dezenas; a subida é longa e o castelo parece um incendio vomitando fogo por toda a parte.

Numa dobra do terreno o regimento abriga-se um momento.

Por sobre as suas cabeças sibila a fuzilaria como uma verdadeira cortina de aço.

O imprudente que tente erguer-se cái morto.

A situação é terrivel e insustentavel.

Retirar era uma covardia, avançar era morrer.

Num momento os sapadores do regimento arreiam as suas mochilas e mesmo deitados cavam rapidamente a primeira trincheira, baixa ainda, mas o bastante para começarem outro trabalho de sápa para a frente, em zig-zag.

São duas, são tres, são seis, são dez minas que avançam para o *blockhaus* rapidamente, como dez serpentes zigzagueando na planicie.

Percebem-nas os de dentro e sentem com horror o fim que os espera.

Metralham a trincheira que avança em colubritas rapidamente.

Em vão.

O terreno esboroa-se aqui e ali, mas o avanço prosegue.

Chegam enfim aos sacos de areia, furam-nos, atingem os alicerces da construção e encostam-lhe cuidadosamente as cargas de dinamite.

Os proprios sacos de areia que serviam aos prussianos para a defêsa, servem agora aos inglêses para o ataque.

Tudo pronto.

O *blockhaus* continua a vomitar metralha; os das trincheiras agachados esperam o momento do assalto; na rectaguarda um batalhão de carabineiros irlandezes para reforçar o regimento de Midlessex tão duramente experimentado.

No meio do crepitar da fuzilaria que continua, um toque de clarim vibra como um pronuncio de morte, e ao mesmo tempo, nos alicerces do castelo, a dinamite deflagrando, explodindo, abala a construção que se fende, se desprruma, se esbarronda, sepultando nos escombros entre nuvens de fumo e de pó quasi todos os seus defensores.

O regimento de Midlessex lançando-se então ao assalto das trincheiras avançadas do castelo, conclue com o aprisionamento de toda a sua guarnição a brilhante vitoria de Neuve-Chapelle que lhe fez caír nas mãos entre os dias 10 e 12 de março, cêrca de 3:000 prisioneiros, e em que ele principalmente se cobriu de gloria.

Humberto Beça
Da Junta Patriotica do Norte

Cavalaria 8

Na ultima terça-feira de tarde, pelas 18 horas, entrou nesta cidade com uma precisão verdadeiramente militar, o esquadrão de cavalaria 8 que no dia 30 de maio daqui partira para os grandes exercicios de Tancos.

Um numeroso grupo de oficiais daquela arma e alguns de infanteria foi nas suas montadas esperar o regresso dos camaradas, acompanhando-os em todo o percurso, desde S. Bernardo, onde muita gente aguardava a sua passagem, apinhando-se pelas janelas outra tanta e sendo dalgumas delas lançadas flôres.

Cobertos absolutamente de pó e fatigados da longa jornada feita pela via ordinaria, o aspecto geral era, todavía regular, vindo todos, soldados e oficiais, alegres e sorridentes.

Estudantes de Coimbra

O telegrafo trouxe-nos a seguinte noticia:

Coimbra, 9 — **Em virtude dos ultimos acontecimentos da Universidade, acabam de ser expulsos Fernando de Araujo por dois anos, Jaime Gouveia por um ano e á esposa deste, D. Aurora Castro, imposta a pena de repreensão.**

Não temos nem tempo nem espaço para comentar o julgamento inquisitorial que se acaba de fazer e a consequente condenação dos tres republicanos contra quem se preparou o duro golpe simplesmente para lhes ofuscar o brilhantismo da sua carreira.

Para a semana será. Mas no entretanto que eles recebam os firmes protestos da nossa solidariedade.

O crime de S. Bernardo

Inicia-se o julgamento dos dez individuos que o processo envolve

Começou efectivamente ontem a discutir-se no tribunal desta comarca e em audiencia de juri, uma das causas crimes mais importantes que por ele teem passado, supondo-se, com justificada razão, que nem uma semana será suficiente para o seu termo, atendendo ao numero elevado de testemunhas a inquirir, 129, entre acusação e defêsa e aos incidentes que se esperam surjam no decorrer da discussão.

Preside o meretissimo juiz sr. dr. Gama Regalão, representa o Ministerio Publico o sr. dr. Adriano Campos Amorim e a defêsa dos implicados, Antonio Ferreira Balção, Primo Nunes Genio, o *Cós*, Antonio da Cruz, Francisco Rodrigues de Oliveira, Maximino Simões Ratola, Luiz da Silva Vareiro ou Luiz da Rocha, Antonio dos Santos, Manuel Francisco da Silva, Alfredo Nunes Bastos e Manuel Francisco Neto, acha-se a cargo dum advogado de Vizeu, do dr. Joaquim Peixinho, dr. Cherubim do Vale Guimarães, dr. André dos Reis e dr. Inocencio Rangel.

Na banca dos jurados veem-se os srs.: Alfredo Osorio, presidente; Manuel Nunes Vicente, Antonio Duarte dos Santos Gamelas, Manuel Maria Moreira, Antonio da Cruz Pericão, João Baptista Madail, João Augusto, José Ferreira Borralho, José Fernandes de Jesus e Manuel Euzebio Pereira, suplente.

Os reus ocupam tres bancos dentro da teia do tribunal e são acusados de, na noite de 21 para 22 de agosto do ano findo, haverem assassinado á paulada um pobre homem de S. Bernardo, de nome Francisco das Neves, o *Pincarinho*, isto após terem praticado varios disturbios no arraial que se efectuava em frente á capela do logar, partindo vasos, deitando abaixo bandeiras, apagando a iluminação, etc., etc. Apresentam-se serenos, como que confiados na justiça que em face das responsabilidades apuradas lhes vai ser distribuida, crêmos que independente de coações que possam aviltar uma instituição de natureza tão delicada como a do juri.

Escusâmos de dizer que nem com cinco vezes mais capacidade do que aquela que lhe deram primitivamente em remotos tempos, a sala das audiencias comportaria todo o publico ávido de assistir ao que dentro dela se está passando e em que são especialmente interessados os povos de Quintans e Quinta do Picado, donde os reus são naturaes, e S. Bernardo, terra da vitima, que por ser um homem bom, gosando das simpatias de todos os seus conterraneos, ainda hoje é chorado e a sua memoria com respeito.

Congresso da Republica

Reune extraordinariamente sendo tratados nessa memoravel sessão importantes assuntos de caracter financeiro e militar

Com a assistencia do chefe do Estado, governo, corpo diplomatico, pessoas de representação e grande concurso de povo, que por completo enchia as galerias, realisou-se na segunda-feira a anunciada sessão do Congresso para os srs. ministros das Finanças e Estrangeiros darem conta dos seus trabalhos em Paris e Londres e ao mesmo tempo tornar definitiva a cooperação de Portugal na guerra.

Depois de constituida a meza pelos srs. general Correia Barreto, na presidencia, Baltazar Teixeira e Ramos Pereira, servindo de secretarios, usaram da palavra os srs. drs. João de Menezes e Alexandre Braga para assunto de somenos importancia, entrando-se a seguir propriamente na questão de alto interesse a que todo o país anda preso.

Eis o *compte-rendu* dos discursos principais:

O sr. **ministro das Finanças** (Afonso Costa), subindo á tribuna dos oradores, de ali fala á câmara. Começa por dar conta dos resultados da missão que o levou a ele e ao ministro dos Estrangeiros a Paris e a Londres.

Expõe detidamente os resultados da conferencia governamental realizada em París, afirmando que tanto ele como o seu colêga não faltaram a nenhuma das sessões, cooperando activamente em todos os trabalhos e que teve a fortuna de vêr aceitas muitas das suas propostas, algumas das quais se transformaram em resolução da conferencia.

O trabalho efectuado em Paris não é sómente aquele que consta da nota que os países aí representados fizeram publicar nos jornais oficiais. Determinações de caracter reservado foram tomadas e entre essas póde contar-se a proposta minima das condições de paz, pelas quais a Europa póde esperar um largo periodo de socego e prosperidade. A proposta minima das condições de paz foi redigida definitivamente de acordo com o espirito da proposta dos delegados portuguêses.

Alude ao convite que nos foi feito por Sua Magestade Britanica, o que mais veio ainda estreitar os laços de amizade entre as duas nações. Tratará apenas da questão sob o ponto de vista comercial, deixando ao seu colêga dos estrangeiros a questão sob o aspecto politico.

Nas conferencias dos aliados trataram-se de medidas de três classes distintas: no que diz respeito á duração da guerra foram tomadas várias resoluções, a fim de evitar que o inimigo possa prejudicar o trabalho dos aliados. Assim, acrescenta o orador, havemos de defender os mercados compensadores, o principio de reserva dos produtos naturais, lutando por todas as fórmas contra as alterações do cambio. Quanto ao apoio mutuo, tratou-se da mutua defêsa das nações aliadas, de fórma a que todos os países, trabalhando independentemente, tenham o auxilio geral dos povos que se encontram unidos pelo mesmo ideal.

E' com prazer que afirma terem feito tudo, de fórma a que os esforços deem todo o resultado, segundo a orientação da conferencia economica. Esses resultados estão já fazendo-se sentir, pois ha já leis e medidas que nos favorecem.

Dois assuntos principalmente nos levaràm a Londres, sendo um deles várias resoluções sobre a lista negra, que interessavam a diversos comerciantes e o caso dos navios alemães. Sobre este assunto tinham-se realizado já várias conferencias. O govêrno inglês pretendia adquiri-los por meio de compra, mas a aspiração de Portugal indicava-nos um outro caminho, olhando ao futuro visto termos que contar com o desenvolvimento da nossa marinha mercante. Esta aspiração encontrou junto de sir Maurice Bunsen a melhor concordancia, verificando-se durante as negociações o espirito de solidariedade que existia entre a Inglaterra e Portugal. Devido a esta circunstancia que ele tem o prazer de constatar, chegou-se a uma formula que satisfaz completamente a aspiração nacional.

Os barcos alemães vão ser cedidos á Inglaterra e porventura a qualquer outro país aliado, mas voltando ao nosso dominio seis mezes depois de concluida a paz. Os navios disponiveis, isto é, aqueles que não sejam necessarios ao nosso inter-cambio comercial, serão entregues a uma comissão especial inglêsa, que os toma por aluguer, á razão de 14 *shillings* e 3 *pence* por tonelada grossa e por mês. Este preço representa para Portugal uma grande vantagem obtida pelas nogociações dos seus enviados.

O governo britanico, quando declarada a guerra, não entregou á Suecia dois navios que estavam concluindo nas docas inglesas, e, tendo-os requisitado, pagou pela tonelagem de cada 9 *shillings*, o que é quasi metade do que eles agora oferecem a Portugal.

O aluguer desses barcos, a que se atribue a tonelagem de 180.000 representam 128.205 libras por mez, ou sejam 900 contos e num ano 10.800 contos. Alêm disso, esses navios estarão absolutamente seguros contra todos os riscos. Outra vantagem obtida foi a de que as equipagens portuguesas sejam pagas em dinheiro inglês e por um preço o mais elevado.

O sr. dr. Afonso Costa passa a referir-se depois á questão financeira, outro objectivo da sua visita a Londres. Cumpre-lhe dizer, porque está em Portugal e não no estrangeiro, porque lá fóra seria desnecessario, que a questão financeira andou sempre separada da nossa cooperação na guerra.

Muito antes ele recebera as provas mais iniludiveis de que o governo da Republica Portuguêsa, pela sua administração, gosava do maior crédito na Inglaterra.

Neste momonto, o aspecto financeiro da guerra afirma a vitória dos aliados. Ha a certeza absoluta de vencer, apesar dos recursos espantosos que esta guerra devora. O orçamento da guerra inglês absorve 42.000 contos por dia. E a despeito de esta soma espantosa, não ha dificuldades em obter dinheiro para proseguir, até onde seja preciso, o conflito do qual ha de resultar a paz da Europa.

E assim, como os recursos monetários crescem de ano para ano, assim tambem a produção das munições aumenta consideravelmente.

Quando acabar o ano, as oficinas inglêsas terão produzido o dobro que seria necessario para alimentar o exercito.

Anuncia ir lêr á Camara uma nota do governo inglês, cuja tradução fará á letra, para não lhe tirar o valor. A nota é a seguinte:

O governo inglês combinou com o governo português fazer-lhe tantos emprestimos quantos fôrem necessarios para pagamento de todas as despezas que, para fins devidamente relacionados com a

guerra, os dois governos concordem que é necessario efectuar na Grã-Bretanha, excepcionalmente noutros paises aliados.

O governo inglês fará estes emprestimos ao governo português nas mesmas condições em que levante dinheiro de tempos a tempos por bilhetes de tesouro.

O total emprestado ao governo português será por este pago ao governo inglês dentro de dois anos, a contar do tratado de paz, que será negociado por Portugal e por cuja emissão o governo inglês dará todas as facilidades possiveis.

Finda a leitura da nota, as galerias rompem em uma vibrante salva de palmas, soltando-se inumeros vivas á Republica, ao governo e á Inglaterra.

Restabelecido o silencio, o *orador* continua nas suas considerações, dizendo que, pela leitura da nota, se vê que nós temos garantido o fornecimento que carecermos, ficando nós em condições superiores a alguns paises, entre eles a Russia. Os emprestimos serão livres de encargos pesados para o país e sem os pagamentos que são do estilo.

Entre Portugal e a Inglaterra não existe presentemente uma simples aliança, mas uma amisade intima, absoluta e fraternal.

As galerias voltam a manifestar-se com entusiasmo.

Em quaisquer outras condições não fazia emprestimos, diz o sr. dr. Afonso Costa, que a seguir passa a referir-se ao dinheiro que teremos que gastar. Gastar-se-á muito, mas o país ficará valorizado e está certo que nenhum português, digno deste nome, fechará ámanhã ao governo a sua bolsa, sabendo que o seu dinheiro está garantido.

Necessario, pois, se torna que, emquanto uns sacrificam a vida nos campos de batalha, defendendo a Patria e o Direito, outros contribuam para a obra da paz indispensavel que nos levará á victoria.

Pondo de parte ligeiras divergencias, está dito que todos os portuguêses se encontram unidos neste momento angustioso que a Patria atravessa, mas que levará a uma era de maior felicidade e prosperidade.

O orador é muito aplaudido pela esquerda e pelo centro e ovacionado pelas galerias.

O snr. **ministro dos Estrangeiros,** que vai tambem á tribuna, começa por se referir ás causas que determinaram a declaração de guerra da Alemanha, motivada sem duvida na lealdade sempre mantida pela nossa aliada. Lembra o que se passou durante muito tempo com a nação inimiga, depois dos acontecimentos de Africa e as evasivas com que respondia aos nossos protestos, deixando que no nosso país continuasse o seu representante.

Passa a referir-se, com palavras elogiosas, á fórma cativante como foram recebidos na Inglaterra e na França, que só podiam determinar uma franca atitude.

Da mesma fórma se refere ás atenções dispensadas pelo chefe do governo de Espanha, sr. conde de Romanones, aos delegados portuguêses, lamentando não terem podido conferenciar com S. M. D. Afonso XIII.

Por ultimo lê á câmara a seguinte nota:

Os srs. Afonso Costa e Augusto Soares, ministros portuguêses das Finanças e dos Negocios Estrangeiros, confirmaram em conversação com o principal secretario de Estado de Sua Magestade para os Negocios Estrangeiros o facto de Portugal, pelas decisões do seu parlamento e pelo unanime sentimento do seu povo, se ter invariavelmente colocado ao lado da Grã-Bretanha. Portugal sentiu que acima de tudo devia proceder como antigo aliado da Grã-Bretanha, para o que tem estado e continua a estar pronto. Portugal deu provas disso em todas as ocasiões e especialmente quando os navios alemães foram requisitados, facto que conduziu á declaração de guerra pela Alemanha. O governo de Sua Magestade plenamente reconhece a lealdade de Portugal e a assistencia que já lhe está dando, e cordealmente o convida a uma maior cooperação militar ao lado dos aliados na Europa, em tanto quanto ele se julgue capaz de a prestar.

A comissão de guerra está sendo consultada com respeito ás providencias que serão propostas para assentar nos preparativos necessarios para esse fim.

(Copia do acordo firmado em 15 de julho).

O sr. **Correia Barreto**, que abandona a presidencia, ficando a substitui-lo o sr. Manuel Monteiro, dum dos *fauteuils* da esquerda, justifica com breves palavras a seguinte moção, que manda para a mesa:

O Congresso da Republica, em sequencia e execução das suas deliberações de 7 de agosto e 23 de novembro de 1914

Economias...

—=(*)=—

Na fórma dos anos anteriores começou no dia primeiro a ser distribuida aos banhistas da Costa Nova a correspondencia que lhes é dirigida e cujo serviço importa em 9$00 mensais, que é quanto nos dizem que ganha o encarregado dele. Pois querem saber o que sucedeu este ano? A Direcção Geral dos Correios mandou suprimir essa distribuição por causa da despêsa que lhe acarreta, privando assim os que preferem aquela magnifica praia de terem essa indispensavel regalía.

Havemos de concordar que chega a ser ultra ridiculo. Isto para nos não alongarmos em considerações, visto que uma tal medida só depõe contra quem se lembrou de a pôr em prática, sugeitando a uma economia de 9$00 por mez, ou seja a insignificancia de 30 centávos por dia, a colonia da Costa Nova, que se não está ainda tão aristocratisada como as outras praias não deixa contudo de ter direito ás prerogativas que é de uzo conceder-lhe nesta época do ano.

São precisas economias? Concordâmos que sim e muitas. Mas então principiem de cima para baixo, isto é, comecem pelos grandes tubarões que comem grossas fatias á mêsa do orçamento se querem que os tomemos a sério. De contrario nem a sério nem a rir porque é um atentado contra o bom senso privar da correspondencia uma praia tão concorrida como o está sendo a Costa Nova.

e 12 de março de 1916, e em atenção aos altos interesses nacionais, resolve dar plena satisfação ao honroso convite que o governo de S. M. Britanica fez em 15 de julho ultimo ao governo da Republica Portuguêsa, para uma maior cooperação militar de Portugal na Europa, e mantem, para esse efeito, ao Poder Executivo, as faculdades anteriormente concedidas.

Por ultimo pronunciam-se sobre o que se tem passado os *leaders* dos partidos, incluindo o chefe unionista cujas palavras provocam protestos das galerias, terminando a sessão por um eloquente e patriotico discurso do presidente do ministerio, sr. dr. Antonio José de Almeida, em resposta ao sr. Brito Camacho, que o conclue da seguinte fórma:

Sr. presidente: Permita-me v. ex.ª que eu saia, neste dia solene, para fóra das normas e das praxes desta casa. Se eu estivesse agora no promontorio de Sagres não poderia deixar de me comover ao olhar as ondas que levaram outrora para a conquista e para a gloria as naus dos portugueses. Se calcasse neste momento a terra de Africa, não deixaria de emocionar ao sentir as aragens do sertão que me traziam a historia e a lenda das analises capitais e fronteiras. Estando aqui e vendo naquelas galerias cidadãos portugueses, não quero deixar de saudar neles esse grande povo, elemento essencial de existencia desta grande patria. Emquanto esse povo glorioso tiver, como tem, a compreensão dos seus grandes destinos, a raça será eterna e a patria será sagrada.

A's 19 horas e 40 minutos é a sessão encerrada no meio de estrondosas manifestações á Patria e ás nações aliadas, nenhum incidente ocorrendo com tendencia a perturba-las.

A policia

Mereceu artigo de quasi uma coluna no *orgão dos taberneiros* esta corporação local com quem, ao que parece, anda agora mal avindo o homem que *levanta o nivel* e faz as suas exibições quotidianas de *copofone* pelos tascos da cidade, nomeadamente no do *Manuelsinho da Harmonica.*

E' um artigo bem feito, cheio de considerações, qual delas a melhor, e que mereceria as honras duma comenda ao seu autor se não estivessem banidas e o vinho fosse mais barato... Ainda assim nada mais natural que o diabo tece-las e o genial colega do *Bichêsa* no jornalismo indigena vêr que o *muito digno comissario* se presta ao ignobil papel que lhe pretendem distribuir á custa de dois ou tres adjectivos bombasticos.

Mas se assim fôr, contem que não deixaremos passar pela malha quanto se relacione com o motivo que determinou este parto do insigne *escritor publico.*

Perceberam?

Rua de Arnélas

Noticiam os periodicos que a Câmara adoptará nesta rua o alinhamento do falecido presidente Gustavo Pinto Basto, mas com uma largura não inferior a 12 metros, segundo a opinião dum dos proprietarios da mesma.

Já nem discutimos visto que

Aveiro por ser Aveiro,
Por ter marinhas de sal

não ha fórma de entrar noutro caminho que não seja o que sempre tem seguido—ao sabor de toda a gente.

Tambem não conhecemos outro mais comodo.

UM DOCUMENTO

A *Lanterna*, diario que se publica, á tarde, no Porto, inseriu num dos seus ultimos numeros uma carta que faz parte, ao que se nos afigura, da colecção de documentos pertencentes á historia, complicadissima já, das conspirações monarquicas em Portugal, e por onde se vê que nem só o Muralha da *Vanguarda* é um bom servidor da causa, pois ha outros que a servem com egual dedicação e *desinteresse.*

Que os nossos leitores a saboreem visto que não póde ser mais edificante.

Vigo......

Ex. Sr. dr. Jaime Silva

Com esta é a quinta carta que v. ex.ª recebe, registada, e sem eu obter resposta! Qual o motivo? Não sei; sei só que v. ex.ª na ultima carta que me escreveu em outubro, apelando para o meu coração, e provas de amisade lhe dei, pedindo-me mais que me lembrasse dos meus filhos, esperasse pelo seu debito de um conto e sete centos mil réis, que abonei por sua ordem e a seu pedido para diversos assuntos monarquicos; esse conto e sete centos mil réis, faz-me falta, porque não sou rico, preciso desse dinheiro que emprestei de tão boa vontade para lhe ser agradavel, e para salvar, a seu pedido, os presos de 21 de outubro de 1913. Julguei que v. ex.ª correspondesse á minha generosidade e á minha prova de amisade para com v. ex.ª. Enganei-me, pois que v. ex.ª desde junho, que me mandou a Tuy o ex.mo sr. D. Luís Piçarro Portocarrero pedir para esperar pelo meu dinheiro—oito dias!—alegando já ter vindo de Londres, me tem enganado constantemente, quer directamente com cartas, bilhetes, quer por intermedio de Faria Machado, quer em cartas mandadas por Abel Ferreira (Marcos Amaral), quer telegramas; emfim até hoje! Por ultimo na sua de outubro alega que deve vinte contos, por causa dos bandidos (como diz v. ex.ª) e por isso que apela para a minha amisade tantas vezes comprovada, para eu esperar o mez de novembro, em que me manda algum dinheiro por conta do que me deve; afinal passa esse mez, eu encontro-me a braços com as maiores dificuldades financeiras, devido á crise que atravessâmos, e v. ex.ª não tem coração para se lembrar que estou no exilio sem auxilio de ninguem, fóra da minha Patria, onde não conheço ninguem, sem emprego e prestes a estar a braços com a mizeria; um homem como eu que podia estar cheio de dinheiro, bem colocado, com um futuro risonho! Tudo porquê? Para servir as lamurias, as implorações de coração tantas vezes pedidas por v. ex.ª com lagrimas nos olhos. Dou-lhe uma prova de amisade, deixando-me desacreditar, insultar, escarnecer, tudo que aqueles que o rodeavam e que não passam de uma série de *covardes*, pois que não assumem nunca as responsabilidades dos seus actos, e, para se salvarem, precisam de implorar ao......, salvação, este, o patife, o bandido mostra que é homem e arca com todas as responsabilidades, salva-os, e no fim o sr. dr. Jaime Duarte Silva, chefe e intermediario no peditorio, engana-o, intruja-o mentindo constantemente, para lhe pagar um conto e sete centos mil réis, que deve, que não é uma paga, é um dinheiro emprestado; que o bandido, o filho bastardo de uma fidalga (como v. ex.ª disse a alguem) caíu em abonar além do serviço que lhe prestou! Boa paga!

Ha dias falando com um homem dos poucos sérios da Galiza, um cara direita, porque o é, e incapaz de mentir, me disse: olhe... você nunca mais vê esse dinheiro. Jaime recebeu vinte e tres contos para o vinte e um de outubro de 1913, que vieram de Londres, e ainda até hoje não deu contas desse dinheiro, não se sabe o que fez a eles! E se não lhe paga é porque não quer. Porque não quer expôr a situação a quem a deve expôr: porque se a expozesse já lhe tinham pago o seu dinheiro, que é de toda a justiça; o unico culpado da sua situação é o Jaime, mais ninguem; note-se, diz-me esse homem (unica coisa de valor aqui) eu não conheço o Jaime; apenas de nome e pelo que me contaram em Londres a respeito delle! Sabe quem é esse homem? O sr. padre Domingos, e digo o nome para que não julgue que é algum seu inimigo, ou algum trampolineiro! Não é, é um homem que diz tudo isto na cara. Agora que lhe expuz o seu mau proceder, vou dar-lhe um praso, e fazer-lhe uma proposta. Se o sr. dr. me não pagar o meu dinheiro até ao dia 11 á noite, eu vou-me entregar ao sr. comissario de policia Caldeira Scevola; suponho ele não prender os policias! Póde ser um *truc*, mas não me importo; seja o que fôr; ele a mim não me póde perdoar nem Cristiano de Carvalho as acusações ditadas por v. ex.ª que lhe fiz, e por isso já conto com a cadeia; mas paciencia; antes quero a cadeia em Portugal, do que o exilio, mendigando favores a pessoas sem escrupulos e sem força moral; é melhor do que a mizeria na Galiza. Uma vez este meu passo dado póde v. ex.ª contar com o meu coração empedrenido, e rodeado de gelo, para todas as lagrimas, juramentos e pedidos; a lição para mim *foi grande, muito grande!* Póde crer! Uma vez caí em ter compaixão, noutra, nem com um Cristo! Posso jurar, mas ha de ser de viva voz, na presença de v. ex.ª, comissario, Cristiano e dr. Eloi. A fita de 21 de outubro de 1913, que tantos periodistas exploraram, ainda tem segredos! Póde v. ex.ª acreditar: ainda está envolta num mistério! Eu ainda não falei! Pense, medite, e até ao dia 11 dê resposta categorica.

Seu amigo, etc.

* * *

Notas mundanas

De passagem para a praia de Mira onde conta passar uns quinze dias junto de sua estremosa familia, visitou-nos ontem o nosso velho amigo, sr. Artur Vieira de Carvalho, conceituado farmaceutico com residencia em Lisboa ha muitos anos.

Agradecemos-lha vivamente reconhecidos, estimando que passe bem alegre e satisfeito os poucos dias que as suas ocupações lhe deixam livres.

✠ *Partiram para a Costa Nova as sr.as D. Joana Gomes de Faria e sua interessante filha e D. Maria Trancoso Gamelas.*

✠ *Tambem ali se encontram já os srs. José Vaz, de Ilhavo; Antonio Augusto Amador e familia, das Ribas e as irmãs do sr. Duarte Tavares Lebre, da Quinta do Picado.*

✠ *Adoeceu ha dias a esposa do activo negociante ilhavense, sr. Cipriano Mendes, por cujas melhoras fazemos votos.*

✠ *Esteve em Aveiro o sr. José Pedro da Silva.*

✠ *Está perigosamente enfermo o antigo professor do nosso liceu, sr. dr. José Rodrigues Soares, que ontem foi submetido a uma junta medica.*

Cartas intimas

—=(*)=—

Minha amiga

Escrevo-te ainda bastante perturbada com as consequencias de uma formidavel constipação colhida na viagem feita a Alquerubim, onde as tias, á viva força, quizéram ir para beijar o anel ao D. Antonio Barroso, bispo do Porto, que ali foi benzer a igreja, que ultimamente sofreu importantes modificações. O sol era intenso e abrazador, sendo justamente, creio eu, o muito calôr que apanhei que me produziu toda esta alteração, que me chegou a assustar. Além de dôres constantes na cabeça, sentiame invadida por uma grande prostração, febre de relativa intensidade e dôres agudas nas articulações. O medico cá da casa estava tambem doente, vindo em seu lugar o L. P. que, despido das hipocrisias e falinhas mansas do coléga, é simpatico, falando com franqueza e sinceridade a ponto de se impôr ao doente, no espirito do qual estabelece imediata confiança. Crê minha boa amiga que nada ha como conseguir estabelecer no espirito da pessoa enferma a confiança, a fé no seu medico. Com franqueza, deixa dizer-te: uma das maiores contrariedades que me assaltava era precisamente ter junto de mim uma creatura que me repugna por tantas razões, parte das quaes tu muito bem conheces. O afastamento dessa possibilidade foi talvez o mais importante factor para as minhas melhoras. E tudo isto para quê? Para ir vêr e ouvir um homem, que me deu, afinal, uma tristissima impressão, pelos seus modos e especialmente pelas suas palavras, que brigaram por completo com a ideia feita a seu respeito. Ouvia falar do bispo Barroso e suponha-o um homem um tanto fóra do vulgar, nomeadamente pela sua palavra, que é, sem duvida, a nota de mais valôr e a distinção mais notavel em qualquer que exerça superiores funções na igreja ou fóra dela. Pois, menina: a cousa mais vulgar, mais trivial, menos recomendavel, que pódes imaginar e até—crê que não altero a verdade—indelicado, grosseiro na fórma como se referiu á presença de várias pessoas, que não sendo cantores, fôram todavia para o côro, por comodidade.

Lembrei-me então do Alves Mendes, do Patricio e de tantos outros oradores de folego, estilistas distintos, que sustentando principios com que algumas vezes com

eles se não concordava, tinham todavia a vantagem de nos prender, ouvindo-os, pela elevação, pelo brilhantismo arrebatador da sua palavra.

Uma completa decepção, um desapontamento formal!

As tias, elevadissimas em espirito depois da bajóca ardente na ametista que guarnece o dedo anelar da mão direita da reverendissima personagem, que para elas tem o valôr autentico dum cabo de ordens do Paraiso, com a mesma latitude de acção dos colégas deste planeta que pódem levar á presença do regedor da localidade qualquer delinquente... por simples suspeição!...

Uma nota curiosa: pela nossa rectaguarda, quando estavamos na igreja, havia um grupo de rapazes, que daqui lá foram tambem atraidos, creio que me não engano, pelo reclame á festa e pelo passeio que, na verdade, é aprazivel.

A cérta altura pergunta um: vocês sabem porque todos os bispos uzam ametista no anel?

E' para se não embebedarem!

E' atribuida áquela pedra a faculdade de obstar á embriaguez!!

As tias, minha amiga, benzeram-se uma infinidade de vezes, agitaram-se e não voltaram a cabeça para o lado donde partira tamanha heresia para não incorrerem em pecado, pois pousar a vista sobre o possuidor de lingua tão condenada, ofendia certamente a doutrina do Senhor! Desde então, até não sei quando, á tarde, lá estão as duas no oratorio, procedendo ao desagravo de tamanha ofensa ao poder de Deus na terra representado na autentica pessoa dos seus bispos e mais sagrados defensores! Um dia que por aqui apareça o primo heide combinar referencias ao caso e tambem pedir lhe para perguntar ás tias se Deus fumava, porque o Barroso devora charutos, menina, que é uma cousa pasmosa, como o outro, o de Trajanopolis, que, além de fumar, chegou a empenhar os rendimentos do bispado de Meliapôr para sustentar o vicio da batota!!!

Está bem servido Deus com taes representantes cá em baixo! O peor de tudo, minha querida amiga, foram os meus sofrimentos que felizmente declinam a olhos vistos, graças ao receituario aplicado.

Tratando do têma mais importante das nossas cartas congratulo-me pela tua orientação, que, afinal, te traz absolutamente ao meu campo de argumento. Inquestionavelmente não póde imputar-se em exclusivo a responsabilidade de todos esses actos, que dia a dia se desenrolam por esse mundo fóra, a um só dos personagens—ela é, sem duvida, dos dois!

Deixa-me, porêm, que te diga que se não fôsse, em geral, a pouca consideração em que a mulher tem a sua propria dignidade, muitas dessas paginas tristes não se teriam escrito.

Conheces, tão bem, como eu, aquela cinica da A. V., que, casada, foi muito tempo ainda para casa da amiga, onde tinha as cartas do amante, lê las, acordando, á vontade, sem receios duma surpreza desagradavel, o criminoso prazer das horas passadas no adulterio. E, contudo, minha boa amiga, até onde leva essa mulher o seu fervor religioso? Não falta á confissão; ao Senhor dos Passos ás sextas feiras, e se hoje não é tão assidua nessas publicas exibições de devoção, farta-se de beijar uma colecção de santos e santas que por toda a parte conserva, como várias reliquias entre as quaes dois velhos *pés* dum santo qualquer, que foram ha tempo substituidos. E assim, nesta hipocrita atitude, neste cinico procedimento, essa repugnante creatura supõe que redime os seus grâves erros, enganando Deus como... enganou o marido!!!

Um irmão dela, o F., arvorado em mentor da sociedade, querendo fazer-se passar por um espirito culto e erudito, agarrado com o maior denodo ás novas doutrinas politicas, que defende, aplaude, com frenesi os actos mais violentos contra a existencia de perigosos preconceitos de religião e de fanatismo e contudo não passa por uma igreja que disfarçadamente não se descubra e não atravessa em frente do pobrissimo e sujo nicho do Senhor dos Aflictos, que a ele se não chegue de chapéu na mão, monosilabando orações e lançando na caixinha, receptaculo de esmolas, a sêca e espremida moeda de *dezreisinhos*, conquistando assim, *modesta* e *economicamente*, um lugarsinho *vitalicio* no... Paraiso—secção *Gloria eterna!* E aqui tens a segura orientação, o procedimento alevantado junto com a sinceridade da acção que toda esta gente—hipocrita e devassa—executa na nossa sociedade, pretendendo enganar todos e tudo, não excluindo o proprio Deus que julgam servir na conquista da Bemaventurança!

Principiei a escrever-te muito mal disposta, mas este desabafo fez me bem e sinto-me melhor.

Beijos para a tua boa mãe, respeitos para o papá, a quem estimo a continuação das melhoras. Para ti o coração afectuoso da

Tua

Aveiro, 8—8.º—916

E. de M. C.

PELA IMPRENSA

"Écos de Cacia,,

Entrou no segundo ano este semanario, fundado e dirigido pelo nosso amigo J. J. Nunes da Silva, um dos mais devotados defensores dos interesses da importante freguezia, que ele considera sua terra adoptiva.

Afectuosamente lhe dirigimos as nossas saudações com o desejo das suas continuas prosperidades.

"A Folha de Trancoso,,

Tambem este nosso colega entrou no 27.º ano de publicação, que comemora, citando, pela penna do seu actual director, sr. Henrique Faria Bravo, varios factos alusivos ao seu aparecimento em 4 de agosto de 1889.

Cumprimentâmo lo.

"Catorze de Maio,,

Deixou a direcção do orgão dos centros e grupos civis de defêsa da Republica, que em Lisboa vê a luz da publicidade, o sr. Raimundo Alves, que no numero de sabado findo se despede dos seus numerosos leitores.

INCENDIO

Num palheiro existente nas trazeiras do predio habitado na Rua do Gravito pela familia Abel de Pinho, manifestou se domingo ultimo fogo depois das 23 horas, do qual resultou ficar quasi reduzido a cinzas apezar da intervenção rapida dos bombeiros chamados pelo respectivo sinal dado na torre dos Paços do Concelho.

Os prejuizos são de pouca monta. Todavia nem tanto devia ser se da parte da policia houvésse o cuidado de tornar extensiva ás outras torres a chamada de socorros, como antigamente, não limitando só a uma esse indispensavel serviço. Mas o sr. comissario no seu alto critério lá deve saber porque assim se faz...

Em seguida a ter recolhido o material dos Voluntarios foram pensados na ambulancia desta corporação o aspirante Firmino Fernandes e a praça Carlos Carvalho, que se apresentaram com ferimentos nas pernas em consequencia de terem caido.

PESADO IMPOSTO

Corre que alguem tenciona propor á Câmara Municipal o lançamento de 20 centavos como imposto sobre cada carro de barro que sáia da cidade.

E' preciso notar que uma tonelada desta materia custa a mais que modica quantia de 5 centavos, vendendo-a o sr. Conde de Beirós e outros ainda a 4 centavos, resultando carregar-se um vagon por escudos 2$50. Onera la com tão pesado imposto, tres vezes mais do que o seu custo, é incompreensivel, a não ser que, como já se diz, o caso seja tocado por alguem interessado no assunto e que lhe não convenha que daqui seja expedido barro para outras terras.

FEITICERIA

No jornal de Lisboa, *Diario de Noticias*, deparâmos com o seguinte na curiosa secção —*Ha quarenta anos*—que o mesmo publica:

A feiticeira de Braga—Foi solta com fiança a celebre *Feiticeira* do Areal, de Braga, que fôra presa ha dias como contámos, em flagrante delicto, estando a extorquir dinheiro a um gran de rancho de papalvos. A tal *santa*, como o povo ignorante lhe chama, foi recebida no Areal com grande alegria e entusiasmo: houve vivas á mulher e delirio indescritivel, mais proprio de um povo selvagem do que dum povo que habita os bairros de uma cidade que se diz ser a terceira do paiz. Entre as ovações rendidas em honra do resgate da velha *sibylla* ouviu-se uma voz, dizendo: *Foi salva dos ferros da justiça porque as almas santas foram que pediram a Deus para que ela recuperasse a sua liberdade.* O que ha de mais repugnante em tudo isto é que uma irmandade especule tambem juntamente com a tal *feiticeira*, a quem entregou uma caixa de esmolas para as almas, sendo a colheita abundantissima.

Apesar de decorridos quarenta anos, as feiticeiras e bruxas continuam e os papalvos manteem-se invariaveis.

Aqui, no centro da cidade, ha quem use do rendoso mister, fazendo até receitas para completar a especulação de que determinado Esculapio partilha, com caixa ou sem ela, visto que está unido e ligado á companhia... exploradora.

Este mundo é de quem mais pilha, e ha quem deste *principio* faça o seu evangelho, vivendo regaladamente.

Impertinencias

O sr. Manuel Lopes da Silva Guimarães volta a escrever-nos sobre coisas da Junta Geral:

... *Sr. Arnaldo Ribeiro*

Depois de haver deixado o leito, onde a falta de saude me reteve por alguns dias, apresso-me a responder ás considerações feitas á minha ultima carta no n.º 432, de Julho ultimo, do seu jornal.

Afirma v. que eu, velho republicano, me deixei acorrentar por pedidos, para um campo injusto.

Puro engano, sr. Arnaldo!

De tenra edade me habituei, pelas circunstancias de vida, a ser muito ponderado em todas as minhas resoluções, nunca me deixando sugestionar por pedidos ou por paixões. Resolvo sempre de acordo com o que a consciencia me aconselha, e com aquela isenção propria de quem présa a sua dignidade, e se orgulha de ser coerente com todo o seu passado.

No caso em que v. me obrigou a deixar a obscuridade, para vir a publico fazer declarações (chefe da secretaría da Junta Geral do Distrito) estive sempre em desacordo com a sua opinião.

Tenho visto ha longos mezes, no seu jornal, uma campanha de favor, e o que é feito por favor não é justo na maioria dos casos, como sucede no caso sujeito, que apenas visa á *outrance* prejudicar terceiro, fazendo por cima da lei que v. tanta vez invoca para fazer éco das suas imaculadas virtudes.

O sr. Francisco Encarnação como empregado do govêrno civil tem o ordenado de 360$00, e concorre ao lugar da Junta Geral, não para prejudicar alguem, mas sim porque este lugar rende 700$, fóra os emolumentos, e porque a lei que o sr. ás vezes tanto parece querer prezar, e a que agora se sobrepõe, lhe garante esse direito, que os tribunaes em duas sentenças lho tem mantido, e que até v. já lho reconheceu quando, com o seu voto, na Comissão Executiva, autorisou a desistencia do recurso no Supremo Tribunal Administrativo.

E porque o sr. Francisco Encarnação no uso incontestavel dum direito concorreu áquele lugar, foi o bastante para v. contra ele levantar uma ingloria campanha, desvirtuando tudo para tão sómente conseguir os seus almejados fins, pretendendo insinuar aos seus leitores que aquele meu presado correligionario, é um máu republicano, por ter seguido um partido e servido com honestidade.

Nessa campanha pretende v. fazer convencer *os cégos* que o sr. Encarnação quer acumular mais o lugar da Junta, quando a verdade, a unica verdade, que o sr. conhece tão bem como eu, é que ele sómente deseja o que a lei lhe dá, e dispensa todos os outros para... os que, como v., não obstante ser membro da Junta Geral, procurou ser tesoureiro da mesma.

Demonstrado está claramente, sr. Arnaldo, que a sua campanha nada tem tido de legal e séria.

Enquanto á minha opinião na Junta Geral, já os srs. antecipadamente a conheciam como contrária ao seu protegido, sr. padre Guimarães.

Vejâmos: a ultima reunião, célebre em irregularidades e situações criticas, arranjadas por bachareis *só com o espirito de justiça e legalidade*, e sob o bafejo auspicioso do camachismo indigena, foi em 15 de Julho ultimo. Pois no dia 12 do mesmo mez, tentou-se fazer uma reunião de Junta por convites particulares, e como eu não era *persona grata*, não fui convidado, não obstante ser procurador em exercicio.

Eis a razão porque não quizéram vêr a entrega do requerimento em plena sessão da Junta, e nem quizéram ouvir a minha declaração de voto.

Parece-me ter demonstrado ao sr. Arnaldo e ao publico que não fui eu que contrariei a verdade, que muito préso, e espero não ter de voltar ao assunto, porque os meus afazeres não me permitem ser colaborador assiduo de jornaes. Tenho muito que fazer.

De v. etc.,

Aveiro, 8—8—916

Manuel L. Silva Guimarães

Ora valha-nos as cinco chagas de Cristo com as suas impertinencias, sr. Guimarães. Sim; porque só uma grande dóse de facciosismo, apezar de nos vir dizer que nada disso tem, seria capaz de lhe baralhar as ideias até ao ponto de nos oferecer o triste espectaculo que se está vendo.

Vâmos por partes.

O sr. Lopes Guimarães começa a sua carta por nos acusar duma afirmativa que não fizémos, qual seja a de lhe atribuirmos uma injustiça, devido a ter-se deixado acorrentar por pedidos, quando a verdade é que nada disso está escrito na resposta á sua primeira carta, nem tal se póde depreender da alusão feita á empenhoca que fervilhou entre alguns membros da Junta para que o logar de chefe da secretaría fosse posto novamente a concurso e não dado, como de direito, a quem o vem desempenhando desde o principio com a competencia e zelo que todos lhe reconhecem. Já é querer forçar demasiado a nota, sr. Guimarães, o que, para manter nesta questão absoluta imparcialidade, não se compreende nem admite.

Depois o sr. Guimarães, que quer passar por ponderado e justo, desapaixonado e consciencioso, classifica de *campanha de favor* o que aqui temos escrito sobre o debatido assunto, não se lembrando que injustiça sería abandonar um homem que a Junta foi buscar para o seu serviço, que tem familia, que precisa e quer trabalhar para o seu sustento e que para a secretaría veio por nenhum aveirense, **nenhum**, apezar de instancias feitas, querer tomar conta de ela!

Campanha de favor! Mas de favor porquê? Que favores deve o *Democrata* ao sr. Paulo Guimarães? Não fossem as circunstancias em que este cidadão foi para a Junta, não fossem as circunstancias em que este cidadão e a familia ficariam se da parte desse corpo administrativo não houvesse consideração pelos que trabalham e se sacrificam, e nós veriamos, sr. Lopes Guimarães, se a tal *campanha de favor* se levantaria. Positivamente não. Mas visto o favor ser aqui um acto de inteira justiça, o reconhecimento de serviços prestados e, o que mais ainda nos determina, um verdadeiro acto de humanidade, ela existe e existirá enquanto a isso nos provocarem.

O sr. Francisco da Encarnação tem o seu emprego. Mercê dos principios de moral adoptados por esta Republica, até tem dois, tem tres, tem quatro e por todos ganha, tirando não um pequeno ordenado, mas um ordenadão. Um dia, porêm, virá em que deixe de acumular e então o seu ordenado descerá a 360$00, como no-lo indica o sr. Lopes Guimarães. Que culpa temos nós disso? Por esse facto hade-se tirar o pão a uma familia? Hade esta, para regalo do

sr. Encarnação, insaciavel entre os mais insaciaveis republicanos, morrer á fome? Tenha paciencia sr. Lopes Guimarães, mas por essa cartilha não lêmos nós e por isso não admira nada que confesse o seu desacordo com a nossa opinião. Sômos assim. Temnos custado muito a manter, inalteraveis, os principios que supozemos fossem moeda corrente depois do advento da Republica. Bastante se tem feito para nos demover do proposito em que estâmos de por eles pugnarmos ainda atravez de quantas dificuldades se lembrem de levantar-nos, mas é exatamente por assim ser, talvez, que a coragem nos não abandona, que nos não falece o vigor e que conservâmos a mesma disposição de espirito que tantas vezes nos animou nos saudosos tempos da pro paganda. O que o sr. Lopes Guimarães deseja, como porta-voz do seu *presado correligionario*, toda a gente o sabe já. Contudo nem os seus argumentos são obra que convença, nem a causa porque tanto se vem interessando é das que o levam ao Capitolio.

De resto e para encurtar razões, pedimos licença ao sr. Lopes Guimarães para lamentarmos a sua infelicidade naquela passagem, tão falha de português, em que pretende ferir-nos por um dia, não obstante a nossa qualidade de membros da Junta, procurarmos ser tesoureiro da mesma. O sr. Guimarães até parece que está caçoando. Pois será crivel, porventura, que nunca lhe tivessem falado nas condições em que aparecemos a disputar esse logar? Tratava-se dum *adesivo*, açambarcador tambem de empregos publicos, auxiliado por certa coorte de republicanos, que moveu todos os empenhos para nele ser provido. Fizemos-lhe oposição. Com o fim manifesto de golpearmos a lei e á custa de tal cometimento irmo-nos aninchar onde préviamente sabiamos que não nos era licito permanecer? Só o sr. Lopes Guimarães e os que lhe assopram os mais irrisorios disparates, acreditam em semelhante coisa. Esses apenas. Porque os bem intencionados, os que nos conhecem de longa data o que viram transparecer da luta provocada, foi nem mais nem menos que o desejo de pôr á prova cértos elementos para um dia lhes pagarmos com a generosidade de que sômos capazes. Haja vista, sr. Guimarães, no procedimento que tivemos quando o actual tesoureiro se propoz, mediante concurso: o membro da Junta que com ele tem as relações cortadas, que dele recebeu agravos, que antes por ele fôra hostilisado, fez isto que muito poucos teem a ombridade de fazer—concedeu-lhe sem favor, sem que para isso fosse abordado por qualquer pessoa amiga, de motu proprio—o seu voto!

E agora chame-nos injustos. E agora chame-nos facciosos. Mas cuidado que as balas com que nos pretende atingir não vão ferir, por recochetiamento, os que atraz do sr. Guimarães se acoitam, seguros de uma impunidade duvidosa e pouco certa... Cuidado... E' sempre mau brincar com o fogo, de mais a mais nas circunstancias do sr. Lopes Guimarães que quer ser coerente com o seu passado e, livre de paixões, seguir os ditames da sua consciencia...

Todavia é a paixão quem o enterra, visto terminar a sua carta por uma falsidade, como é a de se pretender realisar uma sessão da Junta por convites particulares, no dia 12 de julho, fingindo-se alheio ao que a tal respeito se disse na reunião de 15 em que foram dadas categoricas explicações aos procuradores de fóra, unicos que receberam esse convite, pedindo para não faltarem, firmado pelo presidente da comissão executiva, na persuasão de que os oficiais, expedidos pelo presidente da Junta com residencia em Oliveira de Azemeis, e marcando a sessão para o mesmo dia 12, tambem fossem enviados ao seu destino. Dadas as razões que o sr. dr. Carrelhas explanou, devia o sr. Lopes Guimarães te-las em atenção e não vir demonstrar-nos e ao publico quanto se acha obsecado por amor á verdade, que muito présa, mas que não respeita, visto a insistencia com que se apresenta a falar num caso que ficou esclarecidissimo, apreendendo-o todos menos o sr. Guimarães, consoante se vê e os factos demonstram.

Triste, profundamente triste. E tanto que nem nos atrevemos a alinhavar o resto, poupando assim o signatario da carta aos comentarios que surgiriam como consequencia do seu leviano procedimento.

CORRESPONDENCIAS

Anadia, 5

Ontem á noite houve nesta vila uma violenta scena de pugilato entre os srs. Cipriano Alegre, director da *Bairrada Livre* e Craveiro Junior, director de *O Povo de Anadia*, ficando ambos os contendores levemente feridos.

Motivou o conflito um artigo do *Povo* que o sr. Cipriano Alegrs julgou ofensivo para a sua dignidade e que era realmente violento. Em seguida ao acontecido vários partidarios do sr. Craveiro Junior apareceram em numero elevado dando em resultado um motim que teve a vila sobresaltada durante toda a noite.

No tempo que vamos atravessando torna-se muito preciso o socego e união de todos os portuguêses e por isso pedimos ás autoridades que empreguem os seus melhores esforços no sentido de coibir polemicas pessoaes e irritantes que são a causa de tudo isto. Aliás teremos que registar dentro em bréve novos e mais terriveis conflitos, talvez generalisados, o que ainda se torna mais grâve.

C.

Requeixo, 9

Açambarcamento?

Vai surgindo no espirito do povo a crença de que o trigo da recente colheita está a ser açambarcado, devido á muita procura deste cereal na época presente.

Ignorâmos se as suspeitas do publico são bem ou mal fundadas. Por nossa parte sabemos apenas, por termos visto, que no dia 5 do corrente eatava grande quantidade de sacos na estação de Eirol, que nos disseram conter trigo, sem indagar do seu destino; e sabemos tambem que um agente nesta freguezia se empregou ante-ontem na compra do genero no concelho de Agueda, dizendo-nos o informador paga-lo a 1$40 e 1$50, os vinte litros, preço que faz presupor a sua subida no futuro, e com ela a do milho, e neste caso perdida fica a esperança dos desfavorecidos da sorte que anteviam na abundante colheita a baixa de preços, embora pouco sensivel, dos generos de primeira necessidade.

Como tudo isto se perde no campo das conjécturas, não vale a pena encomodar as auctoridades a pedir a sua vigilancia sobre o assunto.

— Já que está tanto em voga falar nas reinspecções, diremos, de passagem, que os seus resultados foram mal recebidos nesta freguezia, designadamente com relação a *miopes* que, segundo é voz corrente, afirmavam que nunca seriam militares.

Com vista ao *cronista das aldeias*...

C.

ANUNCIOS

VENDAS A DINHEIRO